

## RESENHA

### Cotidiano escolar: questões de leitura, matemática e aprendizagem

*Katya Luciane de Oliveira*  
Universidade São Francisco, Itatiba

**Livro:** Sisto, F. F.; Dobránszky, E. A. & Monteiro, A. (2002). *Cotidiano escolar: Questões de leitura, matemática e aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 188 p.

O cotidiano escolar é um assunto que sempre despertou interesse no meio acadêmico e científico. De fato, sua importância na vida do aluno é inquestionável, visto que a escola é o lugar onde o estudante passa grande parte de sua vida. Conhecer e estudar o cotidiano, a partir de questões levantadas no que à tange leitura, matemática e aprendizagem, representa um grande passo para a área educacional.

O livro resenhado visa colocar em discussão alguns temas que estão diretamente relacionados ao cotidiano escolar. As questões, ora apresentadas, são de ordem prática e teórica, sempre tendo como referência a sala de aula. Organizado por Sisto, Dobránszky e Monteiro, também conta com a contribuição de outros autores que possuem domínio e qualificação para discorrer sobre os assuntos tratados.

A obra é composta por uma apresentação, elaborada pelos três organizadores, que introduzem os temas a serem tratados e por onze capítulos que retratam o cotidiano escolar de uma forma bastante abrangente, visto que são estudados à luz de diversas correntes teóricas. Para promover a seqüência dos assuntos, o livro foi dividido em duas grandes vertentes. A primeira parte é composta de sete capítulos, sendo quatro sobre leitura e três sobre matemática. Os quatro capítulos finais constituem a segunda parte do livro, abordando questões pertinentes à aprendizagem. Cabe ressaltar que todos os capítulos possuem referências bibliográficas atualizadas no final, proporcionando ao leitor a possibilidade de ampliar seu conhecimento em assuntos específicos.

O capítulo 1 é escrito por Maria Inês Pagliarini Cox que, dentro de uma corrente psicodinâmica, discorre sobre Alfabetizar é preciso!: dispositivos e táticas disciplinares de vigilância e correção do aluno "anormal". Os dados trazidos pela autora são a respeito do programa de aceleração da aprendizagem, implantado pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, na rede pública de ensino. A partir de

observações em salas de aulas, a autora avalia o objetivo do programa, bem como discute a importância da constituição da escrita na vida das pessoas. Um dos pontos fortes do capítulo é que ele permite indagar sobre o valor desses programas de aceleração, visto que criam alunos submissos, que sabem apenas ler e escrever, mas que são incapazes de questionar.

Leitura e interpretação: a pertinência das teorias na determinação do significado do texto, é o assunto do capítulo 2 escrito por Enid Abreu Dobránszky. O capítulo traz as discussões sobre leitura e produção de textos, remetendo à conclusão de que há a urgente necessidade de metodologias que promovam a formação de leitores críticos, sem ignorar o contexto ao qual esses leitores estão inseridos. Pois somente desta forma estar-se-ia criando alunos-leitores capazes de engajarem-se em debates mais aprofundados com o professor.

Não restam dúvidas de que muitos autores convergem e defendem que a compreensão é essencial para qualquer que seja o propósito da leitura e que no ensino universitário ela desempenha um papel ainda mais importante, que é o da constituição de leitores fluentes e críticos. Sob esta perspectiva Isabel Silva Sampaio e Acácia A. Angeli dos Santos trazem, no capítulo 3, o tema O desenvolvimento da leitura e escrita em universitários. As autoras afirmam que no Brasil, desde os primeiros anos do ensino fundamental, a leitura não é priorizada, e que, quando o aluno chega à universidade, não apresenta a leitura crítica desejada ao seu nível, sendo sua redação pobre e prejudicial ao cumprimento de tarefas acadêmicas. Desse modo, expõem a necessidade de programas remediativos, atribuindo ênfase maior à importância de os professores tomarem consciência de como trabalhar com os alunos de forma que a leitura e a redação não sejam somente atividades escolares, mas habilidades de sumo valor, não só para o sucesso acadêmico, mas também na vida cotidiana e profissional.

“Alijado do rol das palavras de ordem escolares pelas chamadas em favor da originalidade e da criatividade, o lugar-comum define-se como um não-lugar, o não-marcado, o despossuído da marca com a qual se grava a individualidade”. Assim inicia-se o capítulo 4, intitulado Ensino e leituras de retórica: o lugar-comum. Escrito por Maria Helena Cruz Pistori e por Enid Abreu Dobránszky, o capítulo relata as diversas mudanças sofridas quanto à concepção de ‘lugar comum’. As autoras tomam como referencial o ensino de Direito, devido ao exame de seu estatuto requerer um olhar da retórica, base do discurso jurídico. As indagações indicam que houve uma recuperação do sentido histórico do conceito, sendo que sua utilização atualmente é menos preconceituosa. Outro fato observado é que a originalidade deve ser estudada sob a ótica de sua historicidade, bem como é fundamental restabelecer o sentido de lugar comum, pois ele é o reflexo de uma época.

As críticas ao ensino tradicional da matemática parecem ter readquirido um novo e importante significado, segundo a opinião de Alexandrina Monteiro que traz, no capítulo 5, o tema: A etnomatemática e o processo de escolarização: possibilidade de concretização. Para a autora, a etnomatemática não deve ficar restrita unicamente a trabalhos que se limitam a questões e resoluções matemáticas utilizadas no dia-a-dia. Propõe aos profissionais envolvidos no ensino e na formação de docentes algumas mudanças das concepções vigentes sobre o ensino de matemática.

Adair Mendes Nacarato, no capítulo 6, fala sobre A geometria no ensino fundamental: fundamentos e perspectivas de incorporação no currículo das séries iniciais. A autora prioriza a questão do abandono do ensino da geometria, no ensino fundamental. Para tanto faz uma retomada histórica sobre o ensino da matemática e, mais especificamente, o da geometria, que atualmente parece estar caminhando para a sua afirmação. As questões teóricas apontadas identificam alguns fatores tradicionalmente implicados na aquisição do pensamento geométrico, tomando como referência a Proposta Curricular para o Ensino de Matemática do Estado de São Paulo, os Parâmetros Curriculares Nacionais e os *standards* elaborados pela National Council of Theachers of Mathematics – NCTM. Realiza, então, uma análise crítica a respeito da presença ou não das questões levantadas, nas propostas curriculares citadas.

Realizando, no capítulo 7, um Breve ensaio acerca da participação da história na apropriação do saber matemático, Antonio Miguel encerra o primeiro eixo do livro. O autor professa que, nos últimos anos, houve um crescimento das discussões, pesquisas e do interesse relativo às potencialidades pedagógicas da história da matemática, tornando-se absolutamente necessário questionar se esse fato pode ser considera-

do um modismo passageiro, ou uma invenção pedagógica. Porém, destaca que, qualquer que seja o motivo, não dá para ignorar que a história da matemática é um ponto de referência para a constituição de uma prática pedagógica reflexiva e problematizadora.

O capítulo 8, de autoria de Fermino Fernandes Sisto, abre a segunda parte da obra que versa sobre questões de aprendizagem. Dentro de uma abordagem que corrobora a concepção de que aprendizagem é a interação entre o sujeito e seu meio social, o autor presta sua contribuição com o tema Avaliação de dificuldade de aprendizagem: uma questão em aberto. A idéia emergente no texto é que não há recursos definitivos para o diagnóstico da dificuldade de aprendizagem e que os recursos existentes podem diagnosticar dificuldades em crianças que de fato não as têm. De uma forma geral, os métodos existentes não são confiáveis, de acordo com o autor, evidenciando que os sistemas tradicionais de avaliação ignoram a natureza interativa do ensino e da aprendizagem, depositando toda a responsabilidade sobre a criança.

Com o objetivo de explorar o uso de Estratégias de aprendizagem de preparação e de realização de provas no ensino fundamental, Elis Regina da Costa e Evely Boruchovitch apresentam, no capítulo 9, uma pesquisa realizada com alunos das 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental, da rede pública do interior paulista. Os resultados demonstram que os alunos utilizam estratégias de aprendizagem adequadas, mas não com a frequência desejada. Outro dado relevante é que fatores como série escolar, idade, gênero e repetência relacionam-se diretamente com o uso e o nível de desenvolvimento de algumas estratégias. As autoras consideram que, embora a utilização de estratégias seja primordial para a aquisição de um maior êxito acadêmico, o ensino tradicional não dá prioridade ao controle, planejamento, avaliação e utilização.

No capítulo 10, Sebastián Urquijo e Fermino Fernandes Sisto guiam as considerações sobre a Interação ego e conflito sociocognitivo em situação de aprendizagem. O estudo visou explorar a influência das características da personalidade na aprendizagem, em alunos de 5 e 7 anos da rede municipal de uma cidade do interior paulista. Os resultados alcançados propõem um novo olhar sobre essa questão, visto que houve relação estatisticamente significativa entre aprendizagem e força do ego. Em contrapartida, observaram que os conflitos emocionais não interferem necessariamente na aprendizagem.

Finalizando o livro, Laerthe Abreu Júnior convida o leitor a um diálogo interessante, ao discutir o tema Sobre uma nova epistemologia para a aprendizagem. O texto inicia-se apontando que alguns conceitos sobre aprendizagem já estão demasiadamente enraizados, não dando espaço para o novo. O aspecto princi-

pal debruça-se na concepção de que a epistemologia deve ser entendida sob uma combinação ou uma seleção de conhecimentos que visam à diferença e não à repetição de uma única verdade, pois como o próprio autor afirma “Este texto traz a marca da transdisciplinaridade e da complexidade”.

O livro pode ser recomendado a psicólogos, educadores, estudantes e a todos os profissionais interessados pela área escolar. É também um material que não pode faltar nas bibliotecas das universidades, devido ao variado repertório de assuntos, possibilitan-

do o levantamento de novas questões, contribuindo indiscutivelmente para o crescimento teórico e prático do conhecimento na área.

*Recebido: 10.06.2002*

*Revisado: 14.10.2002*

*Aceito: 22.11.2002*

---

---

### **Sobre a autora da resenha**

**Katya Luciane de Oliveira:** Mestranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Universidade São Francisco, *Campus* Itatiba-SP. Endereço para correspondência: Rua Maestro Sebastião Peranovich, 415 – 12940-000 – Itatiba, SP  
E-mail: katya\_lincoln@ig.com.br